

KANT, ESTÉTICA ROMÂNTICA GERMÂNICA E HUMBOLDT: PERCURSO DA GEOGRAFIA

Tulio Barbosa

tulio@ig.ufu.br

Prof. Dr. Instituto de Geografia - UFU

João Osvaldo Nunes

joaosvaldo@fct.unesp.br

Prof. Dr. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

RESUMO

Dissertamos que o romantismo germânico influenciou, decisivamente, a reelaboração das ciências humanas, neste caso, estudamos especificamente a ciência geográfica e sua constituição a partir do século XIX. Para isso compreendemos o juízo estético como fundamental para entender o desdobramento do romantismo germânico, já que defendemos que a estética romântica germânica, influenciada por Kant, proporcionou o desenvolvimento da ciência geográfica antecedida pela paisagem. Neste sentido a compreensão da paisagem do século XIX foi precedida pelos ideais românticos e se firmou, naquele momento, enquanto categoria estética-geográfica; assim, posteriormente, possibilitou o desenvolvimento das ciências da natureza e das ciências humanas, o que resultou na Geografia. Um dos primeiros interlocutores entre o romantismo, as ciências humanas e as ciências da natureza foi Humboldt que baseou suas observações também nos elementos estéticos para a natureza, daí a importância em verificarmos a relação estética na Geografia a partir de Kant, Schelling, Fichte, e Goethe para compreendermos as relações conceituais que compõe a paisagem do século XIX e o desenvolvimento da Geografia.

Palavras-Chave: estética romântica, paisagem e Geografia.

KANT, AESTHETIC GERMANIC ROMANTICISM AND HUMBOLDT: JOURNEY OF GEOGRAPHY

ABSTRACT

German romanticism influenced the redesign of the humanities. We studied specifically the geographical science and its constitution from the nineteenth century. To understand this aesthetic judgment as fundamental to understanding the unfolding of Germanic Romanticism, as we argue that the Germanic Romantic style, influenced by Kant, enabled the development of geographical science preceded by the landscape. In order to understand the landscape of the nineteenth century was preceded by romantic ideals and established himself at that moment as an aesthetic category, geographical, so subsequently enabled the development of natural science and humanities, which resulted in Geography. One of the first contact between the romanticism of humanities and natural science was Humboldt who based his observations on the aesthetics for nature, hence the importance to verify the relationship between aesthetics in geography from Kant, Schelling, Fichte, and Goethe to understand the relationships of the concepts that comprise the landscape of the nineteenth century and the development of geography.

Key Words: romantic aesthetics, landscape and geography.

INTRODUÇÃO

Centramos o presente trabalho na obra de Humboldt, uma vez que o mesmo foi viajante pesquisador e explorador, por sistematizar a compreensão do mundo, por ter uma visão orgânica que explicaria a totalidade e, principalmente, por buscar na natureza e nas atividades antrópicas a dialética para a constituição paisagística.

Recebido em 21/02/2011

Aprovado para publicação em 19/07/2011

Tencionamos, portanto, compreender a relação entre o kantismo, o romantismo germânico e Humboldt na elaboração da ciência geográfica contemporânea.

Alexander von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859) foram os fundadores da Geografia Científica, o percurso da legitimação científica da Geografia foi longo e sua constituição dependeu, sobretudo, do desenvolvimento filosófico e artístico nos séculos XVIII e XIX; assim, a Estética Romântica Germânica antecedida pela estética kantiana colaboraram para o fazer científico da Geografia.

A constituição científica da Geografia parte dos estudos paisagísticos de Humboldt, ou seja, é a partir das explorações científicas deste cosmógrafo que os passos inaugurais da Geografia serão dados. A sistematização e a metodologia humboldtiana apresentadas em todas as suas obras fomentaram o desejo de inúmeros exploradores e pensadores a buscarem compreender as relações e as origens dos fenômenos cósmicos.

A ligação gnosiológica da Geografia Científica com Humboldt é precedida pelo pensamento estético de Kant e pelos românticos germânicos; assim, a flutuação da doxa é substituída pela episteme, logo as bases categoriais e conceituais da cosmografia humboldtiana é, posteriormente, constituída como ciência geográfica.

O percurso da Geografia como ciência sinaliza-nos a fundamentação epistemológica para compreendermos sua constituição, já que, grosso modo, a Geografia, desde o “aparecimento” do ser humano sempre existiu, o desafio é encontrar pressupostos da modernidade para a constituição da Geografia, de caráter científico. Encontramos tais pressupostos nas obras de Kant e dos românticos germânicos, os quais apresentaram relativa sistematização da totalidade que foi aproveitada, em grande parte, pela cosmovisão humboldtiana.

KANT E OS ROMÂNTICOS: UMA POESIA GEOGRÁFICA

Os prelúdios do encantamento romântico encontram-se em Kant com a constituição do sujeito a partir de suas subjetividades, seu apriorismo e antinomias. Kant “reencanta” o mundo a partir da Crítica da Faculdade do Juízo e retoma a estética como aprofundamento existencial do sujeito, não ancorado na ditadura e obrigatoriedade do belo, sobretudo, firmado na essência do sujeito pelo olhar categórico do ajuizamento da sublimidade e do encantamento. O olhar kantiano leva-nos à atitude de contemplação do Cosmos, já que o fundamento da sua concepção de beleza encontra-se no sujeito desinteressado, ou melhor, o sujeito que ao olhar o mundo encanta-se com o belo independente de conceituação e/ou simples definição.

O posicionamento kantiano no “eu” atrela a compreensão da totalidade ao comprometimento imaginativo, se o “eu” busca independente de conceituação o belo, então, o caminho único para o entendimento do mundo é a imaginação, isto é, o sujeito ancorado no apriorismo estético ao mesmo tempo em que se projeta para o mundo e recolhe suas observações para as expectativas totalizadoras da compreensão que se tem do mundo. A incapacidade autorreguladora do sujeito notavelmente foi encontrada, conforme Kant (2008), no belo e no sublime. A independência do gabarito do sujeito quanto ao belo, proporcionou à compreensão de belo a partir do julgamento antinômico.

O traçado kantiano do relativismo filosófico culminou no entendimento científico ancorado na racionalidade sem abandonar as exigências das experiências, seria, portanto, inadequado afirmá-lo como empírico, se a suas obras Teoria Geral do Céu e Geografia Física fossem a síntese de todas as suas construções teóricas, o que de fato não é.

O caminho científico de Kant busca a unidade, considerável herança para os séculos XIX e XX, ao mesmo tempo em que sua filosofia provoca continuamente rupturas; assim, se suas tentativas científicas levam a esquemas gerais, a sistemas e, por último, a unidade, sua filosofia abandona o esquematismo unitário e descortina o imbróglia processual gnosiológico para uma ontologia formativa do ser.

Provocou nas ciências aquilo que fomentou na Crítica da Razão Pura o apriorismo de síntese para a elevação da compreensão do que fosse necessário para os apontamentos das investigações filosóficas. Se num primeiro momento os paradoxos kantianos são postados como definitivos e compreende-los leva-nos a pensarmos os pressupostos do século XIX, posteriormente, leva-nos ao deciframento pormenorizado da própria condição existencial dialeticamente projetada das relações sujeito-mundo-sujeito.

O traço do númeno e do fenômeno a partir dos juízos analíticos e sintéticos revela-nos a herança colhida em Humboldt, precedida pelos românticos germânicos e sua constituição estética, isto é, a pureza da sensibilidade e a brutalidade do entendimento (como espanto do sublime, como revelação do obscuro) levaram-nos a pensarmos o espaço pela qualidade do indissociável sujeito e mundo, desta forma, conforme Lebrun (1993), o aparato da sensibilidade do sujeito impõe, posteriormente, a necessidade de compreensão pelo entendimento. O entendimento, a racionalidade é para Kant ao mesmo tempo o fardo e a liberdade, se na obra “Começo conjectural da história humana” (2010) ele apresenta-nos como maldição, como voluptuosidade:

Enquanto o homem inexperiente obedecia à voz da natureza, encontrava-se bem. Mas logo a razão começa a instigá-lo e estabelece um paralelo entre o que ele havia consumido e os dados de outro sentido independente do instinto, a visão talvez, desencadeando uma analogia entre esses dados e as impressões anteriores, ele buscará estender seus conhecimentos relativos aos alimentos além dos instintos. (p. 17).

Também apresenta-nos como bênçãos, nesta mesma, obra, ao enumerar a criatividade e a capacidade de projetarmos nossos pensamentos para além do presente, em outras palavras, a autonomia moral encadeou a necessidade de liberdade.

A história da natureza começa, por conseguinte, pelo bem, pois ela é a obra de Deus; a história da liberdade começa pelo mal, porque ela é obra do homem. No que concerne ao indivíduo, que, no uso de sua liberdade, não pensa senão em si, essa mudança foi uma perda; para a natureza, cujo [...] fim, em se tratando do homem, visa somente à espécie, foi um ganho. O indivíduo tem, por isso, motivos para atribuir à sua própria culpa todos os males que suporta e todas as maldades que pratica, contudo, também tem o ensejo, na qualidade de membro do todo (da espécie), de admirar e louvar a sabedoria e a adequação dessa ordem. (KANT, 2010, p. 25)

Essa mesma liberdade ditada em todas as suas obras é que fomentou a quebra da singularidade do homem como ser animal, como sujeito criado para sujeito que cria. O ímpeto libertário kantiano alcançou os românticos e, posteriormente, Humboldt. A capacidade decisória é o fim condutor da liberdade, do livre-arbítrio doado pela divindade à humanidade. Trata-se de construção teórica extremamente importante para a fundamentação moral como liberdade, o rearranjo do juízo analítico e sintético promoveu ao homem a incapacidade de furtar-se de suas obrigações que os levariam às condições melhores e mais propícias para a dignidade. Neste transbordar a intencionalidade do sujeito não era mais direcionada por vontades externas, ao mesmo restava à condenação, como afirmou posteriormente Sartre (1997), para a liberdade. Não havia outro caminho, ou sucumbia o sujeito por libertar-se das garras da natureza ou enfrentava as conseqüências, e foi esse enfrentamento que promoveu a liberdade como necessidade vital (KANT, 2010). Para isso Kant (2010a, p. 87) enumera a moral como fundamento garantidor da liberdade:

“A moral, em sentido objetivo, é uma ciência prática: é o conjunto das leis incondicionalmente obrigatórias, segunda as quais ‘devemos’ agir”.

A antinomia natureza e liberdade pareciam apresentar-se como um confronto eterno, precedido pelo apaziguamento da moralidade, essa inquietação dos limites da ação humana parecia apartar o homem definitivamente de sua origem. A centralidade da preocupação de Kant (2008) foi proporcionar o retorno do homem a sua condição natural e posicionar o humano enquanto criador de humanidade sem afastá-lo da órbita da natureza. Assim, Kant centrou sua compreensão para o desvendamento da motivação libertária do homem, pois pretendia entender esse distanciamento – do homem - artificializado da natureza, ao mesmo tempo pretendia provar que tal distanciamento não seria definitivo, muito menos absoluto. Kant (2010) ao ler Rousseau testemunhou seus desejos:

Em seus escritos sobre a Influência das ciências e sobre a Desigualdade entre os homens, ele mostra, com justeza, o inevitável antagonismo entre a cultura e a natureza do gênero humano como espécie física, no qual todo o indivíduo deve realizar plenamente a sua destinação; mas em Emílio, Contrato Social e outros textos, ele busca resolver um problema ainda mais difícil: saber como a cultura deve progredir para desenvolver as disposições da humanidade, como espécie moral, conforme a sua destinação, de sorte que esta última não se oponha mais a primeira, à espécie natural. (KANT (2010, p. 17-18)

Kant inspirado por Rousseau, grosso modo, não via com bons olhos a separação do homem e da natureza, não compreendia a urgência adâmica da separação ou da queda, almejava o retorno às origens e à investigação da sensibilidade e do entendimento a partir da beleza e do sublime. A terceira crítica veio como espécie de pagamento de dívida para a humanidade, já que seus desejos antagônicos à dicotomia promoveriam “ondas” de conscientização crítica perpetuadas para a liberdade.

O esforço de Kant em retomar a natureza como condição primordial da felicidade humana não abandonava os progressos realizados e conquistados pela humanidade, deste modo, ao homem caberia a administração do conhecimento teórico e prático, nas palavras de Kant (2008, p. 15):

“[...] a Filosofia é corretamente dividida em duas partes completamente diferentes segundo os princípios, isto é, em teórica, como filosofia da natureza, e em prática, como filosofia da moral [...]”.

Assim para Jordão (1992, p. 68):

Entre o domínio do conceito de natureza, ou o sensível, e o domínio do conceito de liberdade, ou o supra-sensível, existe um abismo incomensurável. Do primeiro para o segundo, nenhuma passagem pode ser estabelecida. Mas pode e deve mesmo ser considerada a possibilidade de conseguir que o conceito de liberdade realize no mundo sensível o objectivo proposto mediante a sua própria legislação, e que a natureza possa ser pensada de modo que as suas leis se acomodem à realização nela, segundo as leis da liberdade, dos objectivos que o homem se propõe.

A tessitura do plano filosófico de Kant apreciou a formalidade da natureza na conformidade a fins da mesma e buscou o homem como o reflexionante desta relação. Rejeitando a mecanização estrita do cosmos, Kant retomou o encantamento do sujeito; assim, na última crítica o pensador alemão proporcionou às ciências a redescoberta da metafísica. A ontologia do sujeito passou a ser a mola propulsora dos ideais de liberdade e autonomia para a criatividade.

Em Kant a natureza retoma o seu papel, o homem passa a escutá-la para além do mecanicismo, se por um lado a constituição científica de Kant parte das concepções newtonianas, a sua cosmovisão não se encerra no universo sistematizado, pois o ser humano surpreende a própria natureza.

“A natureza prepara, mas não realiza, a liberdade [...]”(MENEZES, 2010, p. 123). A compreensão da totalidade da natureza é ponto chave para a superação de tudo aquilo que escraviza o ser humano. As potencialidades humanas justificam-se no estudo científico desta sistematização do cosmos ao mesmo tempo que o desdobramento crítico kantiano leva-nos à natureza como co-criadores e isso, significada, a totalidade compreendida e posta em prática com o nome de liberdade.

Os românticos apresentaram suas propostas revolucionárias em consórcio com as inquietações kantianas e as transformações econômicas, políticas e culturais do século XVIII e do século XIX. Também o pensamento de Rousseau e seu favorecimento à harmonia do homem/natureza tocou e fez eco tanto no kantismo como no romantismo. Uma definição esplêndida deste cenário e pensamento é feita por Menezes (2010, p. 125):

“[...] O homem torna-se mau quando se transforma verdadeiramente em homem, quer dizer, quando se torna um fim para si mesmo, e seu egoísmo proclama que tudo na natureza deve se render a seus planos”.

O pulsar kantiano do ser livre e da harmonização selou o pensamento romântico.

A finalidade do homem, em Kant, era a civilização e depois, segundo Menezes (2010), a moralidade. A transferência da finalidade para o bem provocou nos românticos ímpetus generalizados para o melhoramento do mundo, ecoou a Revolução Francesa e a Independência dos Estados Unidos, precedidos das Revoluções Inglesas. O mundo era transformado, os gritos kantianos foram propagados, não que se tenham feito ouvidos e uma onda revolucionária tenha varrido o mundo, mas seus apontamentos contribuíram eficazmente para a reformulação de vozes como Goethe, Schiller, Schelling, Fichte e Humboldt.

A finalidade, deste modo, da humanidade passou a ser fitada integrada aos prelúdios de justiça, de harmonia, de verdade e amor. Os românticos inauguraram um novo pulsar para as artes, para a filosofia e ciência, pois no lugar do mecanicismo o homem retoma a sua centralidade.

Tal direcionamento partiu da refutação do mundo dogmatizado a partir da desconstrução estética e sua reformulação, em outras palavras, o belo assumiu o ponto de destaque no pensamento romântico, as revoluções e/ou reformulações viriam da consciência crítica e estética.

O entusiasmo das ideias estéticas kantianas fundamentaram o romantismo germânico, associado também em parte com o pensamento spinoziano; assim, a centralidade motivadora da estética romântica era o retorno ao “eu” e o posicionamento do belo para além do sujeito.

Para Kant o belo é o que agrada e não depende de conceituação; assim, essa postura estética influenciou o romantismo germânico quanto à liberdade e a fluidez desta através das obras de artes e do pensamento filosófico. Já que em Kant os juízos estéticos relacionam-se ao belo como sinônimo de liberdade; já que o mesmo é belo independente de conceitos, pois o belo revela-se desinteressadamente para os sujeitos (KANT, 2008).

O belo não depende de conceitos e muito menos de experiências, neste caso, o belo é o que efetivamente é. Essa carga estético-filosófica kantiana influenciou diretamente os românticos, já que os mesmos explicitaram o sentimento como centralidade de suas condutas teóricas, artísticas e práticas (KANT, 2008).

O sentimento romântico aflorou mediante a centralidade do “eu” no pensamento estético kantiano. O “eu” associado ao belo como complacência universal independente dos conceitos e do gosto, referenciado pela imaginação tangível ao entendimento (sem estímulos – no sentido prático) do que é belo, não demonstrando, no sentido definidor, o belo. Kant nomeia o “eu” como precursor da universalidade, compreendido mediante apreciação dos nossos próprios sentimentos, ou seja, o “eu” somente será compreendido como individualidade se o mesmo revelar sentimentos de si para o mundo e do mundo para si. O romantismo, inspirado por Kant, utiliza o “poder” da imaginação e do sentimento como delimitador do “eu”.

Neste sentido, afirmamos que o romantismo é a sobreposição da estética à racionalidade, pela luta contra o Iluminismo. O romantismo, essencialmente germânico, como afirmou Safranski (2010), influenciou o mundo ocidental e permitiu que a criatividade, a imaginação e a liberdade voltassem para o vocabulário estético e científico.

A constituição da cultura e a luta pela Unificação dos Estados Germânicos permitiram que o espírito romântico sobrevoasse e adentrasse nas cosmovisões de artistas, pensadores, cientistas e filósofos.

A essência do pensamento romântico germânico é derivada da própria constituição formativa do território germânico desdobrado na política, na religião, na economia, na cultura, enfim, tais elementos constitutivos da Germânia se desdobravam e resultaram na Unificação do Estado Alemão.

A Unificação não ocorreu de maneira tranquila, ou mesmo foi realizada somente na data comemorativa e através de O. Bismarck, pois o processo de Unificação da Alemanha teve várias etapas. Dentre as quais enumeramos inicialmente a unificação do idioma através da tradução da Bíblia Sagrada para o idioma alemão por Martinho Lutero, inicialmente traduziu o Novo Testamento em 1521 e o Antigo Testamento em 1534.

A unificação do idioma permitiu que os povos se compreendessem e também se identificassem como pertencentes ao mesmo tronco étnico e cultural. Este espírito de união pela língua permitiu a aproximação das diferentes culturas para o cristianismo protestante, desta forma, mesmo o paganismo prevalecendo em alguns estados o espírito judaico-greco-romano fazia-se presente e influenciava grande parte dos, que ainda seriam nomeados como alemães. Também frisamos que o idioma utilizado nos estados alemães para o comércio já era o alemão; assim, a edificação da identidade linguística pela religião e pelo comércio fortaleceu o sentido de povo alemão.

A organização do idioma alemão ocorreu, de forma mais significativa, com os irmãos Grimm. Destacamos duas de suas obras: História da Língua Alemã em 1848 e a obra mais importante o Dicionário da Língua Alemã entre os anos de 1854 e 1862. Deste modo, o idioma permitiu o desenvolvimento da literatura alemã e a unificação do povo alemão. O romantismo surgiu das prerrogativas nacionalistas e da liberdade como fundamento para o povo alemão. A razão não comoveria totalmente e nem sensibilizaria o povo alemão para a luta pela unificação que ocorreria apenas em 1871 liderada por Bismarck.

O romantismo, portanto, desenvolveu uma estética cultural que unificou a razão e a sensibilidade e promoveu a luta pela harmonia. Assim, os idealistas da Unificação dos Estados enxergaram na literatura e na filosofia romântica a força e o símbolo que tanto necessitavam para que seus projetos fossem realizados.

Ao mesmo tempo o pensamento artístico e estético romântico provocou a ruptura da conformidade a fins de Kant pela sensibilidade como reajuste da compreensão da totalidade. A essência e aparência são imbricadas no entendimento do real; assim, a verdade não é aparência ou essência, a verdade é a conexão permanente do movimento estético e da racionalidade dos sujeitos projetados no mundo.

A projeção dos sujeitos para o mundo (a sublimidade do Eu fichteano), a compreensão do Cosmos (o desenvolvimento das ciências no Iluminismo), a retomada dos juízos e das antinomias kantianas somadas ao exercício imaginativo pela estética de Schiller refizeram a compreensão de Totalidade e de Verdade.

Assim, a organização estética do romantismo partiu, obrigatoriamente, das leituras, a população burguesa alemã lia de forma ávida, desta maneira, a influência dos escritores e pensadores românticos influenciaram diretamente estas pessoas.

Deste modo, a estética romântica retomou os valores schillerianos e apontava o caminho da beleza para a condução e aperfeiçoamento da alma e do mundo. Isso só foi possível por causa da avides por leitura, que organizou a subjetividade dos alemães a partir dos pressupostos românticos.

As condições sociopolíticas e geográficas especiais deixaram que a empresa de livros e jornais florescesse tão bem na Alemanha. A falta de um centro urbano importante para a vida em comunidade favoreceu o isolamento, e com isso a vontade de estar em companhia imaginária no livro, ou a vontade da companhia real por meio do livro. A Alemanha não possuía nenhum poder político que incitasse a fantasia, nenhuma cidade grande com seus segredos labirínticos, nenhuma colônia que alimentasse a percepção da distância e a aventura no mundo mais longínquo. Tudo estava fragmentado, estreito e pequeno. (SAFRANSKI, 2010, p. 48-49).

A fragmentação foi sendo substituída pela unificação estética, artística e cultural, as ideias desenvolvidas e apresentadas pelos românticos, via literária e também pelos teatros, forneceram subsídios teóricos e práticos para unificação da organização estética romântica.

Pouco a pouco essa ascensão dos livros e jornais, mencionada por Safranski, alcançou também parte da população que, em geral, não tinham condições econômicas. As divulgações das ideias românticas foram propagadas por toda a Europa e a predominância do romantismo alemão foi notória.

Pensadores e poetas classicistas como Goethe e Schiller contribuíram para a explosão dos valores mais ousados, principalmente a predominância do belo e da sensibilidade atrelados a verdade. Os prelúdios rousseauianos da harmonia, da justiça, da igualdade e da liberdade fizeram eco nas mentalidades dos jovens burgueses e a verdade seria exposta mediante a compreensão do equilíbrio do mundo e dos homens. A harmonia tornou-se a palavra fulcral desta estética.

Esse espírito estético, para Rosenfeld (1969), promoveu a ascensão do indivíduo e de sua vontade, mas não uma vontade imaginativa, tratava-se de uma vontade atuante que somente seria manifestada ao tornar-se livre, isto é, o Eu fichteano na crista da ondulação do processo de aperfeiçoamento pelo encantamento promoveria a liberdade.

Neste sentido, destacamos o papel de Fichte e Schelling como influenciadores do pensamento romântico, principalmente a relação da natureza com a intuição, ainda devemos lembrar o papel, a partir destes dois pensadores, do sujeito na sua projeção para o mundo, isto é, a manifestação do Eu pela imaginação, criatividade, sensibilidade e intuição.

Segundo Arnaldo (1987) o romantismo germânico proporcionou o movimento do espírito; assim, Schelling enfrentou o Absoluto e não mais o considerou como vinham fazendo os classicistas, como determinante. O Absoluto é a manifestação do Todo, mas o Todo não determina as partes, nossa capacidade auto-arbitrária investe-nos de adjetivos para compreender e até mesmo ignorar o Absoluto.

Para Rosenfeld (1969) a natureza e a liberdade em Schelling são unidas pela manifestação da beleza; assim, a natureza representa a necessidade e a liberdade é a representação do espírito, portanto, o sentido da identidade para a superação dicotômica (matéria e espírito) encontra-se na beleza. Segundo Rosenfeld (1969, p. 163) quanto à filosofia schellenguiana afirma que: “[...] o seu símbolo perfeito é o Belo que reúne todas as dicotomias”.

O romantismo resultou em numa nova linguagem, em nova roupagem para a relação do homem com as artes e dessas com o mundo. Assim, o mundo era o orgânico, a Unidade Indissolúvel, que compunha a verdade e a realidade, a natureza passou a ser compreendida de forma espiritualizada e a história passou a ter um sentido universalista. (NUNES, 1978).

As transformações da cosmovisão pelo romantismo fomentaram inúmeros pensadores, artistas e até mesmo políticos a pensarem sempre pela constante temática da liberdade, pela qual, e somente por ela, encontrava-se definitivamente a harmonia. Tais ecos libertários, artísticos, filosóficos e políticos alcançaram Humboldt.

HUMBOLDT E OS PRELÚDIOS DA GEOGRAFIA

Kant fomentou em Humboldt uma visão dialética do todo pela totalidade, pois não se trata de um sistema classificatório no e pelo qual a Terra é explicada, uma vez que a Terra tem seu próprio dinamismo e para compreender geograficamente o mundo é necessário entender o dinamismo da natureza, sem perder as considerações do espírito, dentre as quais: a beleza, a moral e a perfeição.

As estéticas kantianas e românticas são “depositadas” no pensamento de Humboldt, fazendo com que ele entendesse o mundo por meio da subjetividade representativa sem abandonar o empirismo; assim, Humboldt uniu pela e na paisagem tais elementos. Neste sentido, podemos afirmar que antes da Geografia a Cosmografia de Humboldt fundou a Ciência da Paisagem e somente depois “surgiu” a Geografia.

Segundo Lourenço (2002) o interesse de Humboldt era promover a síntese da ciência e da arte para compreender o Cosmos na sua totalidade, para isso era fundamental que o mesmo compreendesse as exigências estéticas para produzir tal síntese e resultar no entendimento da Totalidade.

Humboldt estudou os clássicos gregos e nutriu profunda admiração por eles, entendeu a harmonia grega e a utilizou em quase toda a sua obra, a ideia de um cosmos organizado sistematicamente é-lhe muito agradável.

Esse sistema nutrido pelos gregos encontrou ancoragem em Kant, o qual também admirava os gregos e tentava conciliar, durante toda a sua vida, os valores racionais, morais e estéticos.

Humboldt destacou a organicidade da natureza como equilíbrio, como necessidade de compreender o mundo pela inércia, ou seja, o cosmos naturalmente é harmonioso. A quebra desta harmonia vem pelos delitos realizados pelo ser humano. Humboldt compreendeu o cosmos enquanto harmônico. Entendeu também que a relação homem/natureza precisaria possuir qualidades e aptidões harmoniosas para o bom “funcionamento” da máquina cosmos. As obras de artes gregas (pinturas, esculturas, literaturas...) fornecem-nos, segundo Humboldt (1855), elementos necessários que nos servem como exemplo do que, realmente, seja harmonia:

“Não se esqueçam que a paisagem grega, nos oferece a atração particular da harmonia entre o continente e o elemento líquido, entre as praias coloridas pelo sol, bordas de plantas e vegetais coloridos, o mar tempestuoso, retines e reflexões de diferentes brilhos”.

Um dos pontos que sublinhamos na estética de Humboldt é a harmonia. Não se trata apenas de uma harmonia verificável na relação do olhar para com a paisagem, ou melhor, a harmonia em Humboldt era total, seja nos seus estudos empíricos, na sua construção literária ou no seu método de reconstrução histórica, enfim, a harmonia é condição inquestionável em todos os processos de seu trabalho, permeia e é seu *modus vivendi*. A partir desta constatação destacamos as obras: Cosmos (segundo volume), Quadros da Natureza (os sete livros) e História da Geografia do Novo Continente e da Astronomia Náutica nos Séculos XV e XVI (volume primeiro). Essa busca constante pela harmonia era herança do pensamento romântico, ancorado nos ideais gregos. Tal pensamento romântico manifestou-se de forma feérica em vários países da Europa, principalmente na Inglaterra, Alemanha, Itália e Espanha.

O próprio Humboldt (1855, p. 76) comenta:

“Na Alemanha, como na Espanha e na Itália, o sentimento da natureza era manifestado sob a forma artificial do idílio do romance pastoral e do ensino da poesia”.

O romance pastoral e a poesia eram os fenômenos manifestos deste espírito romântico, destacamos ainda no segundo volume do *Cosmos* (1855) de Humboldt a influência da pintura quanto ao desenvolvimento e aprimoramento do conceito de natureza. Entendemos que tal aprimoramento fomentou a criação da Geografia Científica com suas respectivas categorias, dentre as quais destacamos a paisagem. O pensamento romântico afetou toda a burguesia européia em geral, fomentando outro *weltanschauung* que culminou em novas percepções, representações e estudos das relações homem-natureza e homem-sociedade.

Humboldt foi influenciado por esta forma de pensar e enxergar o mundo, obviamente que ele influenciado por Kant não ficou apenas no idealismo, buscou elementos que fossem além da mera especulação metafísica; assim, o empirismo foi o condutor de seu pensamento estético, ou seja, ele cientificamente perquiria o *kosmo* no afã de descortinar o caos ao apontar a doce harmonia da natureza.

Assim, tal postura metodológica e filosófica de Humboldt é possível por não diminuir a forma diante do conteúdo. Brito (1995), referente ao pensamento de Kant, afirma que o mérito de seu pensamento é que o mesmo não abandona o conteúdo, deste modo, Kant aponta a constante necessidade, para compreender o mundo, o conteúdo do realismo empírico em consórcio com uma realidade cognoscível via sensibilidade. Essa sensibilidade é para Humboldt (1855) a condição insuperável para a compreensão definitiva da totalidade orgânica do *Cosmos*; assim, não basta descrever as paisagens, entender seus aspectos físicos, pois é preciso ir além do simplismo descritivo.

Para Humboldt (1855) a natureza não é apenas um elemento no cosmos para ser descrito, sobretudo, trata-se de uma união indissolúvel entre o homem (o espírito que se manifesta) e a natureza (o espírito manifesto continuamente e imorredouramente), isto é:

“Os países ricos da zona equinocial, onde a intensidade da luz, do calor e o ar úmido favorecem o crescimento dos germes orgânicos com tal velocidade e potência; assim, não são apenas as descrições que têm animado o estudo da natureza, já que atualmente, o estudo da natureza exerce um encanto irresistível. O encanto que permeia e anima os pesquisadores quanto a vida biológica não se limita aos trópicos. Cada país do mundo tem um maravilhoso espetáculo de organizações que se desenvolvem de muitas maneiras, ou separadas pela uniformidade ou em conjunto suavemente formado. Em toda parte se estende o império de formidáveis poderes da natureza que apaziguou a discórdia antiga dos elementos, e forçá-los a unir-se nas regiões do céu tempestuoso, como eles se unem para formar o tecido delicado da substância animada. Também em todos os pontos perdidos no imenso círculo de criação, a partir do Equador para a Zona Glacial, na qual sempre a primavera brota, a natureza pode se orgulhar de levar em nossas almas um poder intoxicante. Especialmente para o solo da Alemanha esta confiança é legítima. Onde está o povo do sul que não deve invejar o grande mestre da poesia na qual todos respiramos os sentimentos profundos da natureza, Os Sofrimentos do Jovem Werther, bem como Lembranças da Itália, a Metamorfose das Plantas e Antologias Poéticas? Quem de forma mais eloqüente instou os seus cidadãos "para resolver o enigma do universo sagrado", para renovar a aliança na infância da humanidade, unida a fim de implementar uma obra comum, pela filosofia, pela física ou poesia? quem atraiu mais poderosamente a imaginação do que o repouso intelectual do país onde "o sopro leve do vento agitado sob o céu azul, onde a murta permanece passiva ou estar a altura das hastes de louro?”

Humboldt (1855) na passagem citada anteriormente descreveu poeticamente a relação entre a natureza, o ser humano e suas condições geográficas. A arte, portanto, é condição fundamental para que o homem se torne superior a natureza, isto é, ao mesmo tempo em que o homem é natureza ele é de uma “ordem” superior, já que consegue por meio das artes compensar qualquer situação natural que seja desagradável. Também diferenciou os povos pela sua capacidade de se organizarem materialmente, tecnicamente e artisticamente.

É fundamental destacarmos as alusões elogiosas de Humboldt a Goethe na passagem anterior, o cosmógrafo teceu inúmeros elogios para apresentá-lo ao mundo como aquele que foi responsável por instigar moral e artisticamente o povo germânico; assim, Goethe representa para Humboldt aquilo que Pound (1991, p. 73) afirmou: "[...] Artistas são as antenas da raça".

A apresentação reverenciada de Humboldt quanto a Goethe colocou como antena da raça, como aquele capaz de antecipar os cenários morais e artísticos, as articulações escalares na multiplicidade relacional (seja social, cultural e/ou com a natureza) e, principalmente, a capacidade de reorganizar o papel do homem no cosmos.

Ainda nas palavras de Pound (1991, p. 82): "Artistas e poetas, sem dúvida, tornam-se excitados e hiperexcitados sobre coisas muito antes do público em geral".

E foi exatamente isso que Humboldt escreveu um século e meio antes de Pound, ao apontar as virtudes de Goethe e sua colaboração para o aperfeiçoamento do povo germânico. Ao mesmo tempo em que compreendeu a importância de Goethe para as ciências, para a racionalidade e para as suas próprias perquirições.

O pensamento romântico influenciou a constituição da ciência cosmográfica de Humboldt; assim, a participação de Goethe foi notória na formulação de seus postulados filosóficos e no seu direcionamento científico. Deste modo, a estética romântica colaborou para a formulação estética de Humboldt e como consequência o ordenamento da paisagem a qual culminou na postulação da Geografia como ciência.

Os prelúdios geográficos encontram-se na sistematização dos estudos paisagísticos de Humboldt; assim, pensarmos categoricamente a paisagem e seus elementos estéticos constitutivos faz-nos avançar na elaboração conceitual científica da Geografia.

Neste sentido, as paisagens estudadas por Humboldt tinham significados por serem compreendidas integralmente como belas, ou seja, as paisagens enquanto matérias pulsantes da vida forneciam o prazer não apenas da observação, sobretudo o prazer da certeza de que aquilo que ele observava era a própria vida. O impulso estético orgânico era observado por Humboldt a partir de seus pressupostos românticos e kantianos.

Exemplificamos; assim, pela linguagem científica e poética nos "Quadros da Natureza", Humboldt (1964, p. 147) a descrição do *Gulf-Stream* de tal forma que conseguimos pela imaginação visualizarmos suas palavras:

Na parte setentrional do oceano Atlântico, entre a Europa, o norte da África e o novo Continente, as águas arrastadas por uma corrente que cai sobre si mesma. Sob os trópicos esse redemoinho geral, que podia chamar-se, corrente de rotação, dirige-se, como é sabido, de este a oeste, no mesmo sentido que os ventos de este. Apressa a marcha das embarcações que se fazem de vela, das ilhas Canárias para a América Meridional, e quase impossibilita a volta em linha recta de Cartagena de Índias a Cumaná. A força desta corrente ocidental, atribuída à influência dos ventos de este aumenta no mar das Antilhas por causa da agitação muito maior das águas [...] Entre Madagascar e a costa oriental da África, a corrente de Moçambique, que se despedaça contra as praias de Madagascar no banco das Agulhas, ou ainda mais ao norte, para dar volta à extremidade meridional da África; sobe com violência ao longo das costas ocidentais desse continente até um pouco mais para diante do equador [...]

Também exemplificamos a paisagem de Humboldt a partir de sua descrição no seu primeiro livro "Estepes e Desertos" da sua obra "Quadros da Natureza":

Depois da descoberta do Novo Continente, os plainos tornaram-se habitáveis para o homem. A fim de facilitar as relações entre as costas e a Guiana construíram-se aqui e acolá cidades próximas dos rios que atravessam a estepe. Por toda a parte, naqueles espaços imensos, começou a vida pastoril. [...]

Quando tapete de verdura, que cobre a terra, cai desfeito em pó, queimado pelos raios perpendiculares de um sol não velado por nuvem alguma, o solo seco greta-se como sacudido por violento tremor de terra. Se sopram então ventos encontrados e do seu choque resulta um movimento circular, a planície apresenta um fenômeno singular. Semelhante a uma nuvem negra,

em forma de funil, cuja extremidade resvala pelo chão, a areia levanta-se como vapor denso, no meio do torvelinho vazio de ar e carregado de electricidade. Dir-se-ia que são as trombas de água cujo ruído aterra o navegante experimentado. A abóboda celeste, como que achatada, deixa cair, sobre o plaino deserto, luz pálida e sombria. (1964, p.20).

As paisagens humboldtianas são nos apresentadas pelo movimento. Os elementos goetheanos *Polarität* (polaridade) e *Steigerung* (intensificação) estão presentes nas suas descrições, se a polaridade mostra-nos a matéria a intensidade apresenta-nos o espírito do mundo. Como afirmou Klester (2006), a força motriz invisível se torna visível na matéria. A descrição paisagística de Humboldt projeta a intensificação na formulação da polaridade, por meio da linguagem científica e estética.

Diante disso, entendemos que os estudos de Humboldt sempre lhe forneceram elementos constitutivos da estética romântica, as suas paisagens eram, prioritariamente, românticas, isso significa que ele buscava compreender o mundo por meio dos valores científicos e filosóficos que ele comungava. As suas interpretações das paisagens partem, obrigatoriamente, de suas ideias pré-conceituadas de beleza e perfeição e civilização.

Neste sentido, Humboldt considerava fundamental o desenvolvimento das técnicas e dos aparatos técnicos, porém não ignorava os apelos das ciências duras e dos seus instrumentos de pesquisas. Essa visão dependente dos instrumentos de pesquisas, não era recente, todavia a partir destes navegadores cientistas somado ao amplo desenvolvimento do capitalismo e dos parques industriais é que a instrumentação material para a pesquisa tornou-se ponto fulcral.

Humboldt (1852) tinha consciência dos avanços das ciências e da importância em conciliar a ciência (enquanto empírica) e a arte (enquanto inspiração), isto é, o desenvolvimento das técnicas e das tecnologias em consórcio com as inspirações do romantismo.

Esse entrelaçar da objetividade e subjetividade cosmográfica aproximou historicamente elementos do idealismo e do empirismo, não se trata de uma “mistura”, trata-se do posicionamento filosófico em compreender o mundo por meio da totalidade. O sujeito descreve aquilo que vê, compreende aquilo que entende; assim, sob a influência de Kant, os postulados de Humboldt alertaram os demais pesquisadores da cosmografia para efetuarem uma ciência de síntese, porém não dogmatizadas.

A construção da Cosmografia de Humboldt (a pré-geografia científica) é fundamentada nos valores românticos, com destaque para a estética desta escola artística e filosófica, desta maneira a Geografia é fundada tendo como primeira categoria a paisagem, já que a produção científica - literária de Humboldt tem como elemento central a observação, descrição e sistematização dos elementos paisagísticos, os quais são representados plasticamente pelos desenhos e pinturas. Enfim, a linguagem romântica de Humboldt permite-nos visualizarmos a plasticidade estética, também foi responsável pela produção de inúmeros desenhos caracterizados por uma objetividade romantizada, ou seja, por mais que desenhasse a exatidão das paisagens fornecia as mesmas elementos sensíveis que nos comovem sempre que as olhamos, como o desenho das Pontes Naturais de Icononzo (Fig. 01).

Diante disso, entendemos que Humboldt sorveu as obras de Goethe e inspirado também no pensamento de Kant, contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da Geografia Científica. Suas descrições do mundo, bem como seus desenhos não são meras objetivações da realidade, são apresentações do encantamento do mundo, em outras palavras, Humboldt reinterpreta o mundo à humanidade. Encantar-se com o mundo significa respeitar o mundo, viver harmonicamente e afastar-se do egoísmo tão criticado por Kant (2010). Para isso, Humboldt interpretou o mundo através da estética e da ciência, não abandonou em toda a sua vida essa dupla orientação.

Segundo Kwa (2005, p. 149): “Humboldt explorou as qualidades visuais que observou como uma boa e completa pintura da paisagem e neste processo transformou o conceito de paisagem de uma categoria estética para uma entidade abstrata”.

A categoria estética citada por Kwa (2005) parte de Kant; assim, a paisagem torna-se finalidade em si, ou melhor, a paisagem em Humboldt é a revelação da transcendentalidade na matéria.



Fig. 01 – Desenho de Pontes Naturais de Icononzo de A. Humboldt da obra “Vues des Cordillères...” (1816)

Torna-se a partir de Humboldt, posteriormente à Geografia, a paisagem o composto orgânico e transcendental, categorizados pela subtração dicotômica entre o númeno e o fenômeno, já que para Humboldt a paisagem é a substância do belo, é o nominável pelo inominável. Nas palavras de Humboldt (1964, p. 28):

[...] aquele que, testemunha das lutas encamiçadas que dividem os povos, aspira aos gozos aprazíveis da inteligência, descansa com prazer o olhar na vida serena das plantas e nas molas misteriosas da força que fecunda a natureza; ou, cedendo à curiosidade hereditária que, há já milhares de anos, inflama o coração do homem, eleva os olhos, cheios de pressentimentos, para os astros que prosseguem, com harmonia inalterável, a sua eterna carreira.

Neste sentido, entendemos que o homem, em Humboldt, precisa da harmonia, da contemplação da natureza, enfim, o cosmos para ser compreendido necessita do diálogo com o homem, ao mesmo tempo em que o homem deixa de ser máquina para, de fato, ser humano.

Ao mesmo tempo em que Humboldt buscou a humanização do homem ele “organizou a natureza” para que a mesma fosse compreendida e por meio desta compreensão fosse possível o entendimento da totalidade do mundo sem abdicar do ser humano. Se para muitos a discussão da Geografia enquanto ciência dicotômica é ainda uma novidade, para Humboldt tal ponto já nasceu superado, já que o homem e a natureza eram compreendidos como oriundos da mesma matriz, da mesma fonte, isto é, tal pensamento revela a tradição da Unidade desde Plotino.

Neste sentido, entendemos que a paisagem, ou melhor, os estudos das paisagens possibilitaram uma orientação estética que culminou no desenvolvimento da Geografia Científica.

Diante disso, afirmamos que a influência da estética romântica germânica é notória no desenvolvimento da Geografia, já que a harmonia, o nacionalismo, a perfeição, o belo, enfim, os elementos constituintes da tipificação romântica foram suficientemente fortes para gerar a fundação da Geografia Científica.

REFERÊNCIAS

- ARNALDO, J. (org.). *Fragmentos para uma teoria romântica del arte*. Madrid: Tecnos, 1987.
- BRITO, A. N. Representação e conceito: o movimento da verdade em Hegel. Uma abordagem da questão da referência na Fenomenologia do Espírito. *Ciências Humanas em Revista*. Instituto de Ciências Humanas e Letras. Goiânia: UFG. V. 6, n. 1 – jan./jun. 1995. p. 3-14.
- HUMBOLDT, A. *Cosmos*, ensayo de una descripción física del mundo, Madrid: Imprenta de D. Jose Trujillo, 1852.
- HUMBOLDT, A. *Cosmos*, ensayo de una descripción física del mundo. Vol. II. Madrid: Gaspar e Roig Editores, 1874.
- HUMBOLDT, A. *Cosmos*, ensayo de una descripción física del mundo. Vol. III. Madrid: Gaspar e Roig Editores, 1874a.
- HUMBOLDT, A. *Cosmos*, ensayo de una descripción física del mundo. Vol. IV. Madrid: Gaspar e Roig Editores, 1875a.
- HUMBOLDT, A. *Cosmos*, ensayo de una descripción física del mundo. Vol I. Bélgica: Eduardo Perié Editor, 1875.
- HUMBOLDT, A. *Cosmos*. Essai d'une description physique du monde. Tome Deuxième. Paris, Gide Et J. Baudry Éditeurs, 1855.
- HUMBOLDT, A. *Cuadros de la naturaleza*. Madri: Catarata, 2003.
- HUMBOLDT, A. *Quadros da natureza*. São Paulo: W.M. Jackson, 1950. 2v
- HUMBOLDT, A. *Quadros da natureza*. Vol. I São Paulo: W.M. Jackson, 1964
- HUMBOLDT, A. *Quadros da natureza*. Vol. II. São Paulo: W.M. Jackson, 1964a
- HUMBOLDT, A. *Vues des Cordilèrres et monumens des peuples indidigènes de l'Amérique*. V. 1. Paris : A La Librairie Grecque – Latine, 1816.
- HUMBOLDT, A.; BONPLAND, A. *Essai sur la géographie des plantes*. Paris : Chez Levrault, Schoell et Compagnie, 1807.
- JORDÃO, F. V. Natureza, sentido e liberdade em Kant. *Revista Filosófica de Coimbra*, n. 1, 1992. p. 63-81.
- KANT, I. *Começo conjectural da história humana*. São Paulo: Edunesp, 2010.
- KANT, I. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- KANT, I. *Rumo à paz perpétua*. São Paulo: Ícone, 2010a.
- KESTLER, Izabela Maria Furtado. Johann Wolfgang von Goethe: arte e natureza, poesia e ciência. *Hist. cienc. Saude-Manguinhos*. 2006, vol.13, p. 39-54. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13s0/02.pdf>. Acessado em 14/11/2008.
- KWA, C. Alexander von Humboldt's invention of the natural landscape. *The European Legacy*, v. 10, n. 2, 2005, p. 149-162. Disponível em: www.tandf.co.uk. Acessado em: 15/10/2010.

LOURENÇO, C. *Paisagem no Kosmos de Humboldt*: um diálogo entre a abstração e a sensibilidade. São Paulo: USP, 2002 (Tese de Doutorado).

NUNES, B. A visão romântica. In: Guinsburg, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 51-74.

POUND, E. *ABC of reading*. London/Boston: Faber and Faber, 1991.

ROSENFELD, A. *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1969

SAFRANSKI, R. *Romantismo uma questão alemã*. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SARTRE, J. P. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 1997.